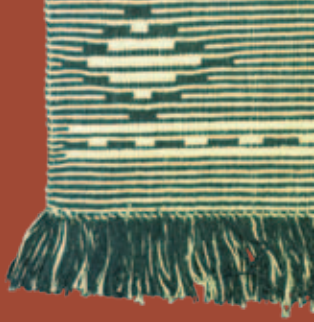


Artes e ofícios de Pedro II





Artes e ofícios de Pedro II

sala do artista popular

S A P MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

152

2009

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Iphan / Ministério da Cultura

Ministério da Cultura
Ministro: Juca Ferreira
Programa Mais Cultura

REALIZAÇÃO

Associação de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro

Presidente: Lygia Baptista Segala P. Beraba

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Presidente: Luiz Fernando de Almeida

Departamento de Patrimônio Imaterial

Diretora: Márcia Sant'Anna

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

Diretora: Claudia Marcia Ferreira

PARCERIA INSTITUCIONAL E APOIO FINANCEIRO

Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

Presidente: Luciano Coutinho

Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural - Promoart

Coordenação técnica: Luciana Carvalho

Coordenação administrativa: Arnaldo A. Filho

Produção: Alexandre Pimentel e Wilmara Figueiredo

Polo Tecelagem e Cerâmica de Pedro II

PARCERIA REGIONAL

Superintendência do Iphan no Piauí

Superintendente: Diva Maria Freire Figueiredo

Programa de Desenvolvimento do Artesanato do Piauí - Prodart

Diretora: Besileide Claudino

apoio local

PREFEITURA MUNICIPAL DE PEDRO II

parceria regional

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DO ARTESANATO DO PIAUÍ
SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN NO PIAUÍ

parceria institucional e apoio financeiro



realização



Ministério da Cultura



Sala do Artista Popular

RESPONSÁVEL

Ricardo Gomes Lima

EQUIPE DE PROMOÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

César Baía, Marylia Dias e Sandra Pires

PESQUISA E TEXTO

Luciana Carvalho

CONSULTORIA E PRODUÇÃO LOCAL

Jacqueline Melo

EDIÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS

Lucila Silva Telles
Ana Clara das Vestes

DIAGRAMAÇÃO

Maria Rita Horta e Lígia Melges

FOTOGRAFIAS

Francisco Moreira da Costa

PROJETO DE MONTAGEM E PRODUÇÃO DA MOSTRA

Luiz Carlos Ferreira

PRODUÇÃO DE TRILHA SONORA

Alexandre Coelho

A786

Artes e ofícios de Pedro II / pesquisa e textos de Luciana Carvalho. - Rio de Janeiro: Iphan, CNFCP, 2009.

32 p. : il. – (Sala do Artista Popular ; n. 152).

ISSN 1414-3755

Catálogo da exposição realizada no período de 20 de agosto a 27 de setembro de 2009.

1. Arte popular – Piauí. 2. Produção artesanal – Piauí. I. Carvalho, Luciana, org. II. Série.

CDU 7.067.26(812.2)

sala do artista popular

152

2009

S A P

MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

A Sala do Artista Popular, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP, criada em maio de 1983, tem por objetivo constituir-se como espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesanato em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não apenas a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de entrar em contato com realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

Em decorrência dessa divulgação e do contato direto com o público, criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, participando estes mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

O CNFCP, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas entre oito e dez exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de um mês de duração.

A SAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, o CNFCP busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias a sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.



O Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural – Promoart tem como foco o artesanato brasileiro de tradição cultural, ou seja, aquele que vem sendo produzido ao longo do tempo por diferentes grupos sociais e que tem como marca distintiva o profundo enraizamento na cultura local. Seu objetivo é, por meio do apoio direto aos grupos, promover o desenvolvimento desse setor da cultura e da economia brasileira, que, apesar de rico, permanece ainda pouco reconhecido e valorizado.

Estruturado a partir de um convênio entre a Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro e o Ministério da Cultura, integra o Programa Mais Cultura e realiza-se sob gestão conceitual e metodológica direta do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/ Departamento de Patrimônio Imaterial/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com a participação do Museu do Índio/Funai no que tange a grupos indígenas. Em todo seu escopo, conta com a parceria institucional e o apoio financeiro do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, e, nos planos regional e local, articula parceiros públicos, das esferas municipais e estaduais, e privados, além de organizações sociais.

Em sua fase de implantação, o programa abrange 65 polos distribuídos em todas as regiões do Brasil, os quais foram selecionados por especialistas dentre mais de 150 opções, tendo em vista a importância cultural e a alta qualidade de seu artesanato, além da variedade de

tipologias e técnicas envolvidas em sua produção. Ao longo de um ano, pretende beneficiar comunidades artesanais com investimentos diretos nas esferas de produção, comercialização e agregação de valor a produtos do artesanato brasileiro de tradição cultural.

Em diferentes estágios de organização, tais polos serão estratégicos para o estabelecimento das bases de uma política nacional de artesanato, a partir da qual o universo de abrangência do programa poderá ser progressivamente ampliado. Respeitando-se suas singularidades, em cada polo se desenvolverá um projeto específico, um plano de trabalho formulado com a participação de técnicos e artesãos, a partir de diagnósticos detalhados de suas potencialidades e necessidades, e da proposição conjunta de ações em busca da sustentabilidade econômica e social do artesanato.

LUIZ FERNANDO DE ALMEIDA
Presidente do Iphan



Morro do Gritador

Artes e ofícios de Pedro II

LUCIANA CARVALHO

TERRA DA OPALA E DE DIFERENTES TRADIÇÕES ARTESANAIS

Pedro II, que já teve os nomes de Pequizeiro, Matões e Itamaraty, foi fundado em finais do século 18 por iniciativa de alguns portugueses que ali ergueram uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição. Situado ao norte do Piauí, possui pouco mais de 36 mil habitantes, distribuídos num território de 1.948km² aproximadamente.¹ Sua distância em relação à capital do estado, Teresina, é de 212km, percorridos em mais ou menos três horas de viagem passando-se pelos municípios de Altos e Campo Maior, entre outros menores, ao longo de uma estrada ladeada por carnaubeiras, palmeiras de coco babaçu e buritis, que conformam uma paisagem verdejante e farta.

O clima relativamente ameno, as altitudes elevadas (entre 200 e 700 metros acima do nível do mar) e o relevo acidentado – em que se destacam pontos turísticos como



Praça Domingos Mourão Filho

o Morro do Gritador², a cachoeira do Salto Liso, a serra dos Matões e o sítio arqueológico da Lapa, com suas inscrições rupestres – conferem-lhe características singulares e ares de uma “Suíça piauiense”, em que até chalés com lareiras estão sendo construídos. No Centro Histórico, chama a atenção a Praça Domingos Mourão Filho, com seu casario preser-

vado, as lojas vendendo diferentes produtos artesanais de Pedro II e diversas oficinas de opala, que daí se estendem pela principal avenida.

Nessa “Terra da opala”, como se lê num portal à entrada da cidade, a pedra e os modos de vida do garimpo oferecem uma das mais interessantes atrações para o visitante. Lá, existem três grandes sítios, compreendendo em média 30 minas de opala nobre, uma ocorrência geológica que, segundo um especialista da região, só se verifica no Brasil e na Austrália. Descobertas há cerca de 60 anos, quando a exploração dessa pedra teve início na localidade, as minas de Pedro II estão entre as maiores e mais produtivas que se conhecem. A maior do mundo, a Mina do Boi Morto, está desativada, mas sua produção já alcançou o patamar de 30 toneladas só na década de 1970. A Mina da Roça, na região oeste do município, é outra que registra um fato importante: nela foi encontrada “a maior opala de todos os tempos, pesando cinco quilos, 30 anos atrás. E há 15 foi encontrada outra, com quatro quilos”, diz Juscelino Souza, que é filho de garimpeiro e tem concessão para explorar alguns terrenos.

Só na comunidade da Roça, onde fica a referida mina, vivem em torno de 150 famílias de garimpeiros, responsáveis pela produção anual de cerca de 200 quilos de opala.



“Poderiam até produzir mais”, continua Juscelino, “se não diminuíssem o ritmo do garimpo na época das chuvas”. Mas fazem-no a fim de se dedicar às suas pequenas plantações de milho, feijão, mandioca, coco e banana, das quais tiram o sustento quando não são felizes nas buscas da pedra preciosa. Como diz seu Joaquim Miúdo, “aqui nós trabalhamos no garimpo, mas plantamos alguma coisinha para poder comer”. Acostumados tanto à fartura quanto à escassez, ele e seus colegas de profissão sabem que, ao contrário do



destino certo da opala, que segue diretamente para oficinas de lapidação e joalherias artesanais dentro e fora da cidade³, é incerto o futuro de sua família, dependente da lavoura e do garimpo na comunidade.

Parte da história desses homens é contada no Museu da Roça, instalado pela família Galvão num casarão do século 19 à beira da estrada que dá acesso à comunidade de mesmo nome. Ali se encontram objetos, recortes de jornais e fotografias de época que refletem diferentes períodos da





Museu da Roça

exploração de opala na localidade. Ao lado desses, muitos outros itens integram o acervo em exposição permanente na casa, revelando etapas e curiosidades da vida de Pedro II e de seus moradores: o primeiro telégrafo da agência do Banco do Brasil, uma broca centenária de dentista, os óculos do primeiro professor da cidade, selas femininas do século 18, cadeiras-genuflexórios do 19, além de louças, radiolas, vitrolas antigas e até discos de cera de carnaúba. O Museu recebe visitantes da região e turistas, e recentemente passou a abrigar também os equipamentos da tecelagem artesanal da família Galvão, procurando assim contemplar uma das atividades femininas mais tradicionais do município.

Com efeito, esse ofício é tão difundido em Pedro II que em qualquer caminhada num fim de tarde nos

deparamos facilmente com tecelãs sentadas à porta de casa, sozinhas ou em pequenos grupos, quase sempre enredadas em fios de algodão, com os quais fazem redes, tapetes, caminhos de mesa e uma série de outras peças. Igualmente fácil é encontrá-las toda sexta-feira no Mercado Municipal, onde acontece uma feira capaz de agitar toda a cidade e os arredores. Atravessando-se fileiras de barracas de gêneros alimentícios, comidas (panelada, mão de vaca, porco



Feira no Mercado Municipal



Centro Artesanal Mãe Raimunda

e carneiro assados), jogos, brinquedos populares (piões e bolas de gude) e outros produtos de uso na zona rural, chega-se ao Centro Artesanal Mãe Raimunda, no qual o movimento de redes se abrindo para serem examinadas pelos fregueses é frenético.

Um pouco adiante desse espaço que foi inaugurado em 1989, outros artesãos se empenham para vender seus produtos, como os moradores do povoado de Formiga, que



Feira no Mercado Municipal

viajam horas para chegar à feira e negociar principalmente potes e jarros de cerâmica. Concentrados no fundo do mercado, expõem seu artesanato no chão, em meio a barracas de produtos industrializados que não conseguem de todo esconder a beleza das peças de tons vermelhos e esbranquiçados, alegremente ornamentadas com tauá.

Além dos tecidos e do barro, veem-se na feira outros produtos artesanais típicos da região: vassouras e chapéus



de palha de carnaúba, jacás de taboca, calçados de couro, bancos de madeira e couro, entre outros.

Diversas modalidades de artesanato são praticadas em Pedro II, envolvendo parte significativa de sua gente, grupos e até comunidades inteiras. Nesta exposição, procuramos contemplar algumas delas, em especial a tecelagem feita por mulheres da cidade e dos povoados de Barroca e São João, e a cerâmica produzida em Formiga. Também integra a mostra

um repertório singular e expressivo de esculturas em madeira confeccionadas pelo casal Verônica e Araújo, artesãos que trabalham unidos, porém individualmente, em sua casa e oficina na cidade. Ele, produzindo santos; ela, peças inspiradas nos humanos e em suas paixões.

TECELAGEM XIQUE-XIQUE

A confecção artesanal de redes de tecido de algodão é uma tradição em Pedro II desde pelo menos o século 19, quando três irmãs aí se instalaram por intermédio do vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, o padre Joaquim de Oliveira Lopes. Atribuem-se a Severa, Honorinda e Mariana a introdução de teares de grade na localidade e a

transmissão, para as novas gerações de artesãs, das técnicas de confecção de redes de dormir por meio desse equipamento.

Com a organização e o fortalecimento do setor, o ofício se difundiu no século seguinte, favorecendo a criação de grupos comunitários e de cooperativas de tecelãs no município.⁴ Hoje em dia, o exemplo mais expressivo da tecelagem tradicional de Pedro II é dado por um grupo de 25 mulheres integrantes da Associação Artesanal Xique-Xi-

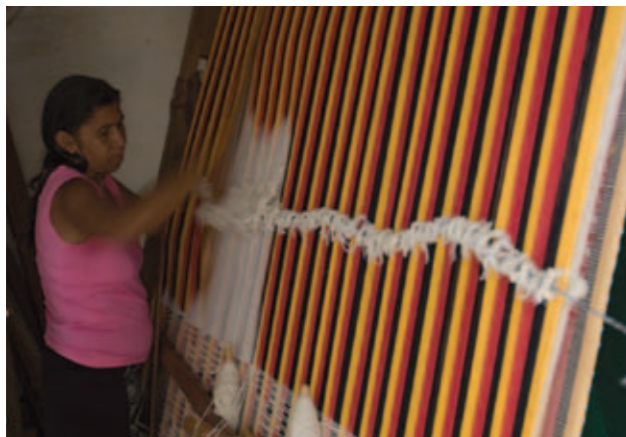
que, que se divide em três núcleos de produção distribuídos na cidade e nas comunidades de São João e Barroca, na zona rural.

Antigas artesãs, elas descobriram no início da década de 1990 que o trabalho associado poderia render mais frutos do que o esforço despendido por cada uma em separado. Então, com o apoio de uma organização não governamental que as colocou em contato com princípios associativistas, decidiram constituir o grupo de trabalho que, mais tarde, evoluiria para a entidade organizada.⁵ Não sem problemas e dificuldades, é claro. Mas as adversidades acabaram fortalecendo as tecelãs e, até, determinando o nome da associação, conforme conta Maria Alves:

O grupo começou com oito mulheres trabalhando numa casinha. Depois, a igreja emprestou um quartinho num galpão comunitário, no bairro Saborá. Primeiro, nós trabalhávamos num lugar que não tinha nem espaço. Depois, num lugar onde a gente não tinha nem o que merendar. E a gente às vezes nem tinha fio para trabalhar. Quer dizer, a gente resistiu a tanta coisa que o nome da associação tinha que ser uma coisa que resiste sempre. O xique-xique é assim, ele não morre, faça chuva ou faça sol. E nós somos assim, enfrentamos tanta coisa...

Com a formalização do grupo, as tecelãs conquistaram maior capacidade de negociação no mercado de artesanato e obtiveram ainda outros ganhos, entre os quais espaços apropriados para trabalhar. Atualmente, há dois imóveis ocupados pela entidade em Pedro II: um pequeno ponto de venda na principal avenida da cidade, e uma casa em que se concentram os equipamentos e materiais de trabalho. Nesta última, Maria Alves comemora a presença de uma geladeira e de um fogão: “aqui a gente pode passar o dia todinho e merendar!” Com ela, tecem diariamente as artesãs Leonilda, Isabel, Antônia, Maria de Lourdes, Salete, Alvinha, Ivonete, Socorro, Maria José e Maria Alves.

Experiência semelhante viveram as tecelãs Maria Silvana de Almeida, ex-presidente da Xique-Xique, e suas vizinhas Neuza, Luiza, Maria Aldenir, Filomena e Antônia, moradoras da comunidade de São João, próxima ao Morro do Gritador. Antigas artesãs, também encontraram no grupo organizado uma forma de pressionar os poderes públicos e chamar a atenção para sua causa. Como resultado, obtiveram recentemente apoio para a construção da sede com espaço de trabalho no próprio povoado.



Isabel: “eu comecei a tecer trepada num cepinho de pau pra alcançar. Nasceram os dentes, eu fazendo isso.”



Salete enlçando



Alvinha com os bilros

Nós trabalhávamos juntas, mas não tínhamos local fixo. Essa casa foi feita no tempo da emergência, no tempo da seca grande. Foi quando veio trabalho para os homens, para eles ganharem um pouquinho. Então as mulheres pediram ao chefe da emergência para ceder homens para fazer a casa. A gente sempre queria, mas não tinha como. O adobe foi feito pelos homens mesmo. Mas a madeira foi comprada com o dinheiro das mulheres, das nossas vendas.



Os diferentes espaços de trabalho da Associação são bastante simples e contam com raras peças de mobiliário: alguns bancos, mesas e cadeiras, apenas. O que se destaca são os teares – de grade, de parede, de macaco, grandes, triangulares –, junto aos quais as tecelãs passam horas a fio, literalmente. A função é delicada e demorada: ao fim de uma semana, por exemplo, duas artesãs conseguem produzir juntas apenas uma rede grande. Nas diferentes etapas de trabalho,



é preciso encher os bilros, urdir os fios, transpassá-los e, então, tecer, quase sempre de pé, rente ao tear, controlando o liço.

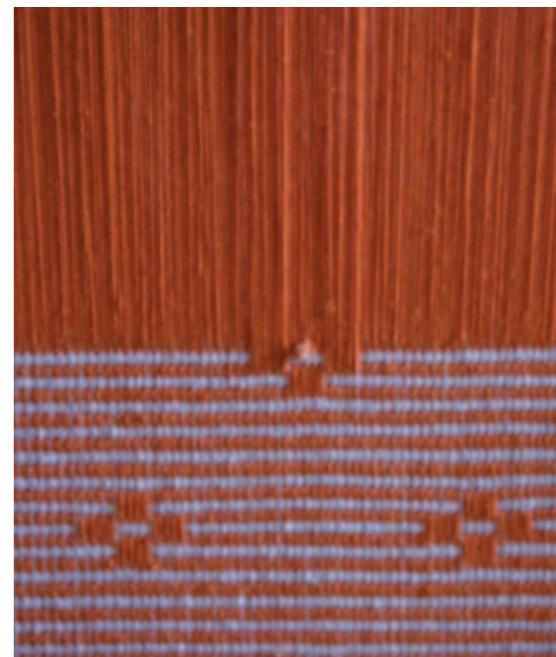
Presas a rolos e rolos de fios de algodão multicores, elas confundem o visitante com rápidos movimentos de mãos e pés (no tear de macaco principalmente, em que manipulam pedais de madeira, ou quando passam os bilros de fio de um lado para o outro, com os pés). Assim vão criando pontos diversificados – cheio, catado, batido liso

caroá, batido com grega, fino, tapuerana, olho de pombo –, com os quais se formam tecidos com desenhos igualmente variados – mandacaru, flor, grega e flor, flor e x, flor com talo, quatro flores, caracol e flor, caracol e quadriculado, vezinho, estrela fechada, borboleta. Com esses tecidos são produzidos redes, colchas, bolsas, jogos americanos, caminhos de mesa, mochilas,



Ivonete trabalhando no tear de macaco

sacolas de viagem, toalhas, entre outras peças que seguem para o comércio local e o mercado de artesanato dentro e fora do Piauí.



CERÂMICA DE FORMIGA

Tudo começou com uma migrante cearense que muitas décadas atrás – ninguém lembra bem quando – fixou-se em Pedro II, no lugarejo conhecido como Cantinho, situado entre a sede municipal e o povoado de Formiga. Fugindo de uma seca terrível em sua cidade natal, em busca de terra mais

propícia para plantar e colher, ali ela constituiu laços e teve filhos, dando origem a várias gerações de ceramistas que se tornaram responsáveis por fazer de Formiga um conhecido e já tradicional polo artesanal. Tanto é assim que, à entrada do povoado, a placa de sinalização de um galpão comunitário de trabalho⁶ informa: “Comunidade dos potes”.

A vida comum em torno da cerâmica, porém, tem sido abalada por dificuldades de gestão da produção e comercialização do artesanato. De acordo com dona Maria do Jarro, a transmissão do ofício e da tradição local é motivo de preocupação e requer atenção por parte da comunidade e de agentes ligados ao artesanato.

Atualmente, duas famílias na localidade dividem seu tempo entre a lavoura de milho, feijão, arroz – que se destina sobretudo à subsistência, mas também ao mercado local – e a produção de objetos de barro ornamentados com tauá, tintura feita a partir da mistura de água com o próprio barro. Vendidos quase que exclusivamente na

feirinha municipal, esses objetos têm modelos e tamanhos variados. Há jarros, bules, travessas, chaleiras, vasos, cofrinhos e potes para armazenar água. Medindo em média 60cm de altura e custando entre oito (sem tampa) e dez reais (com tampa), estes últimos são os verdadeiros campeões de venda de Formiga, especialmente nos meses de verão (de maio a dezembro), conforme explica o artesão Bernardo:

A peça principal é o pote, que a gente vende muito na feira. Mas o pessoal não compra o pote no inverno porque fica muita água. Eles compram no verão, porque a água fica mais longe, eles precisam de um pote a mais para a água ficar fria. No inverno, quando chove muito, as vasilhas que a gente deixa no tempo aporam muita água, fica fácil ter água. Mas quando chega no verão, tem que ir até 2km para pegar água, tem que lavar as roupas no rio. A gente vai só uma vez no mês, porque fica muito longe. Vai em lombo de animal, a gente tem um jumentinho. Para beber e cozinhar é a mesma coisa. Vai no rio Buriti, é um rião grande que não seca no verão.

Para confeccionar os potes e demais objetos seguem-se os mesmos processos e etapas tradicionais de trabalho, que

os artesãos costumam executar individualmente. O passo inicial é dado num barreiro que fica relativamente próximo ao povoado. É dele que se retira, ao preço médio de quatro reais a lata, o barro preto com o qual se prepara a mistura apropriada para modelar as peças. Excetuando-se esta tarefa, que exige deslocamento em lombo de animal, todas as seguintes são quase sempre realizadas na residência de cada artesão, apesar do livre acesso que todos têm ao galpão comunitário. Antônia, filha de uma das mais antigas ceramistas de Formiga, descreve a produção das peças:

A gente tira o barro no barreiro, pega no animal, num surrãozinho [espécie de cesto trançado com palha de carnaúba]. Depois de trazer o barro pra casa, a gente bate uma parte dele. Outra parte a gente bota de molho e peneira numa peneira fina. O que a gente bate, a gente depois peneira na mesma peneira. Depois mistura o barro seco com o molhado e amassa com os pés; corta ele todinho pra levantar as louças. Depois que a gente subir um pedaço da peça, a gente vai passar uma paieta de kujuba pra acertar.

Os artesãos se servem de pedaços de pau para socar bem o barro preto enquanto o barro vermelho fica de mo-





Bernardo limpando o barro vermelho



Bernardo preparando o barro preto



Antônia levantando as louças



Bernardo levantando as louças



lho. Em seguida, depois de passarem por uma urupema de zinco (peneira geralmente feita pelos próprios artesãos) e por uma tela de náilon até ficarem livres de raízes, gravetos e pedras, essas duas porções de barro são misturadas com as mãos. Então, a mistura é amassada com os pés sobre um piso também de barro ou coberto com um saco de fibra, para evitar contato com a sujeira do chão. Os ceramistas explicam que a limpeza do barro é essencial para se alcançar a boa qualidade e a durabilidade da peça após a queima. Por esse motivo, é somente quando se isolam suas impurezas que

a mistura de barro preto e vermelho pode começar a ser *levantada*, isto é, modelada na forma final do objeto pretendido.

Para o *levantamento* das louças os artesãos utilizam as próprias mãos, com as quais vão ajeitando, sobre pequenas tábuas de madeira, uma série de rolinhos de barro umedecidos com um

pouco d'água, sempre uns em cima dos outros. “Sem a água a gente não consegue trabalhar, porque o barro muito seco não presta”, informa Maria Cecília, sentada no chão da cozinha, onde normalmente trabalha às escondidas da luz do sol e do vento, que carrega poeira para o barro.

Para ajeitar as superfícies interna e externa da peça durante o levantamento, usam-se palhetas feitas da casca lenhosa do fruto da cueira (Crescentia cujete), que no Piauí recebe o nome de cujuba. Já para o retoque das beiradas, são úteis faquinhas de madeira e pequenos pedaços de borracha, com os quais se alisam e corrigem quaisquer irregularidades. Aos poucos, entre as mãos ágeis dos arte-

sãos, como se brotassem do solo, vão surgindo jarros, vasos, potes e outros vários objetos.

Prontas, as peças são postas no chão do quintal para secar ao sol e ali permanecem até que o barro endureça. Seguem-se, pois, as etapas de tingimento e decoração da cerâmica, que, sem esses procedimentos, fica vermelha depois de queimada. Novas misturas de barro e água são então preparadas, agora para servir como tinturas. Uma delas, de coloração preta bem escura, é passada por toda a extensão da superfície onde se deseja obter um tom final esbranquiçado. A outra, chamada tauá, tem cor amarelada



Antônia tingindo os potes



Preparação do tauá

e é usada principalmente na ornamentação com flores, ramos e folhagens que resultam avermelhados após a queima. Para desenhar, os artesãos improvisam pincéis rústicos, aos quais dão os nomes de *caçopo* ou *isope*: na ponta de um talo de palha de babaçu, amarram um pedaço ou *capucho* de algodão natural, retirado de seus próprios quintais.

Finalmente, as peças devem ser queimadas. Para isso, cada casa tem um forno que mede cerca de 1,5m de diâmetro.



Abastecidos com madeiras que os artesãos geralmente têm de comprar, esses fornos ardem continuamente por cerca de oito horas, durante as quais se aprontam mais ou menos 30 peças de tamanhos variados.

Antônia desenhando com tauá

O tempo de queimagem é de mais ou menos oito horas, que é o tempo que leva pra consumir toda a madeira que a gente bota aí. É só botar a peça, não precisa

mexer. Depois de pronta, deixa ela esfriar no forno mesmo, até poder pegar com as mãos livres.

Ao fim de todos esses processos, a cerâmica está resistente e totalmente pronta para o uso. O resultado do trabalho dos ceramistas de Formiga segue toda sexta-feira para o Mercado Municipal de Pedro II, precisamente para a feira que movimenta a cidade e os povoados dos arredores e até mesmo do Ceará, estado vizinho. Para chegar



lá, os artesãos saem de casa antes do amanhecer. Passam duas horas ou mais viajando no lombo de jumentos, que transportam ainda surrões carregados de jarros e potes. Preferindo o andar macio e lento dos animais à velocidade dos carros com tração, os artesãos evitam que a cerâmica se quebre na estrada de terra e pedras, difícil de vencer. Alguns levam também produtos da roça para vender, e assim vão vivendo: um pouco do artesanato, um pouco da terra, sem vontade de abandonar nenhum dos ofícios.

Maria de Lourdes, natural de São Benedito, CE, foi ceramista durante muitas décadas, desde os anos 50, quando foi morar em Formiga. Já tendo deixado o ofício, ainda trabalha confeccionando surrões de palha de carnaúba para carregar peças de barro que seus três filhos produzem: "Não tem jeito de passar o dia sem fazer nada, aí eu invento. Mando tirar palha e faço esteira, surrão, cofo."

ESCULTURA EM MADEIRA: ARAÚJO E VERÔNICA

Embora o artesanato em madeira não seja dos mais tradicionais no município, Pedro II abriga parte importante de uma herança deixada por mestre Expedito, um dos maiores santeiros piauienses. Tendo ingressado no ofício de escultor por causa de uma brincadeira e constituído seu estilo em função da proximidade com o mestre, José Joaquim de Araújo, seu sobrinho, já esculpe e entalha imagens de santos há quase 30 anos, tendo-se tornado um legítimo representante da arte santeira do Piauí.



Araújo, como é mais conhecido, nasceu em 03 de julho de 1952, em Domingos Mourão, na divisa com Pedro II. Quando criança, morava perto de Expedito e costumava vê-lo trabalhar com os santos. Assim, ia observando técnicas e procedimentos usados pelo tio, ao mesmo tempo em que se familiarizava com as ferramentas, imagens e suas expressões. No entanto, apesar desse contato, foi por influência de um desconhecido, um cearense dono de uma brincadeira de *casemiro coco* (espécie de marionete), que o artesão começou a esculpir a madeira:

Esse brinquedo que despertou minha arte, aqui no Nordeste, se conhece como casemiro coco, esse é o nome dos bonecos. Eu fui assistir isso no interior, lá no Brejo. O rapaz que brincava era do Ceará, ele brincava de noite. Eu vi as cabecinhas de madeira, aí pensei: e se fizer o boneco todo? Aí comecei a fazer os bonecos inteiros. Foi assim que despertou a minha arte. Com nove anos.

Durante toda a adolescência Araújo foi se aperfeiçoando no trabalho com a madeira, sem ter destino certo para sua produção inicialmente. Exceção eram os pedidos feitos porromeiros que peregrinavam para Juazeiro do Norte,



no Ceará, e, sabedores de seus dotes para a escultura, lhe encomendavam pés, mãos, cabeças, pernas e outros ex-votos com os quais iam pagar suas promessas: “o pessoal ia pagar promessa no Juazeiro, começou a encomendar”, diz ele. Os primeiros santos só iriam surgir em 1969: uma Nossa Senhora de Fátima e um São Sebastião.

Como as encomendas não bastavam para prover seu sustento, Araújo combinou durante anos o ofício de escultor com os de pedreiro, ferreiro, e também de marceneiro e carpinteiro,

para não se afastar da lida com a madeira. A consolidação da atividade e da identidade de artesão só viria mais tarde, a partir de uma compra inesperada que então o surpreendeu bastante.

Foi um pessoal do Rio, o doutor Wilson. A partir da hora que ele começou a comprar, ele me deu por 10 peças um dinheiro que valia uns dois meses da oficina! E daí foi que eu comecei a fazer o artesanato mesmo, porque o pessoal do sertão pedia mais esse negócio de pé, cabeça, mão, pra pagar promessa. De lá pra cá eu não parei mais.

Veio então o casamento com Verônica Amorim da Silva, nascida no povoado de Brejinho, em Pedro II. Em meados da década de 1980, ao mesmo tempo em que o trabalho de escultor ia assumindo importância cada vez maior na vida de Araújo, Verônica, que nunca tinha esculpido uma peça na vida, sentia-se mais e mais atraída pelo trabalho com a madeira. Observadora atenta e perspicaz da rotina na oficina, foi se aproximando do ofício do marido, de início, para ajudar a lixar as peças que ele produzia; porém, aos poucos, passou da condição de ajudante à de discípula.

Hoje, aos 44 anos de idade, a artesã tem total autonomia para criar e é dona de um estilo próprio, bem diferente



daquele praticado pelo esposo. Ela explica: “ele é santo, eu é mais a sacanagem.” Na verdade, Verônica produz principalmente esculturas de caráter erótico, além de peças que, em seu entender, retratam a vida sofrida da mulher nordestina. A propósito, a condição feminina tem sido temática constante em seu trabalho desde que começou a esculpir sozinha.

Eu não vou dizer que eu só faço peça assim, mas todo mundo gostou a primeira vez que viu a mulher grávida. Eu pensei: vamos ver o que o pessoal acha de nós vindo ao mundo. Aí comecei com a mulher dando à luz. Uns gostaram e outros não. Nessa época eu não trabalhava por encomenda, eu arriscava, levava pra Teresina pra tentar vender. Umas pessoas não gostaram, acharam imoral. Depois veio o pessoal de fora, gostou muito, levou. Aí eu pensei: por que não fazer o início de tudo mesmo?

Peças pequenas e médias, representações de casais se beijando ou fazendo sexo nas mais diversas posições, de grávidas carregando potes e trouxas na cabeça, de mulheres parindo, ou peças grandes compostas por imagens de vários tipos humanos nordestinos, esse é o repertório principal de Verônica, capaz de atrair a curiosidade e muitas encomendas, sobretudo de turistas em visita a Pedro II e Teresina, onde estão à venda objetos feitos pelo casal.

Segundo Araújo,

ela gosta de retratar o sofrimento da mulher nordestina, do povo do Nordeste. Mas a maior parte dos turistas que chegam aqui procura mais a peça erótica. A vantagem dela é que, se ela fizer mil peças, são mil matrizes. Cada uma é única.

Verônica não se queixa da procura por suas esculturas, que ainda deseja ver crescer e gerar renda, mas avisa:

Eu já estou quase como ele [o marido]. Ainda não estou igual. Às vezes ele me ajuda, quando erro alguma coisa, para não perder a madeira. Mas eu não quero trabalhar como ele, pegando encomenda direto. Eu tenho a casa pra cuidar, os meninos, são três filhos nossos mais dois que a gente cria.

Além da residência em Pedro II, que abriga também a oficina, Araújo e Verônica mantêm uma propriedade rural no município de Domingos Mourão, de onde retiram a matéria-prima, transportada em carro fretado até o local de trabalho. Em suas esculturas, ambos utilizam apenas madeiras mortas, particularmente a imburana de espinho e o cedro. “A gente só usa madeira com mais de 40 anos



de morta. O branco dela já caiu todinho, só fica o miolo”, ele garante. Para os artesãos, aí reside a maior dificuldade experimentada em seu trabalho: “É muito caro um frete para ir pegar madeira no interior”, ela explica. Por isso, o casal não desperdiça nenhum pedaço ou sobra de madeira. Aquilo que é descartado numa peça pode ser reaproveitado na confecção de um objeto menor: “eu tenho que aproveitar tudo, não posso jogar no mato. É meu suor, é meu trabalho”, diz Verônica. “E, para criar uma peça”, acrescenta Araújo, “dá muito trabalho. Ficar pensando o que vai fazer, como vai fazer, isso dá um trabalhão para a cabeça.”

Como recompensa, o esforço e a criatividade depositados em representações de santos e profanos já começam a render frutos para o casal. Juntos ou separados, ultimamente eles têm participado de feiras e exposições pelo Brasil, além de terem conquistado espaços permanentes para suas peças em pontos de venda dentro e fora do Piauí e, até, em países como Alemanha, Espanha e Estados Unidos.



NOTAS

1. Dados divulgados no Diagnóstico socioeconômico do Município de Pedro II, realizado pelo Sebrae Piauí.
2. De onde se avistam a cidade de Domingos Mourão e os povoados de Caranguejo e Cajueiro. Segundo uma artesã, “o vento aí é tão forte que, se a gente tirar a roupa e jogar lá embaixo, ele traz de volta, e a pessoa não fica nua.”
3. Essas joalherias começaram a ser instaladas na cidade há mais ou menos cinco anos, com o intuito de beneficiar a matéria-prima antes vendida quase sempre em estado bruto. Hoje, a opala é utilizada na confecção artesanal de anéis, cordões, pingentes, brincos, braceletes, pulseiras e outras joias. Em geral, a produção fica a cargo de funcionários contratados pelo dono do estabelecimento, que cuida da administração e da gestão do negócio, normalmente sem a participação dos primeiros.
4. Para mais informações, ver: Programa Artesanato Solidário. Tecelagem de Pedro II. Catálogo de produtos.
5. Segundo a artesã Maria Alves, foi uma alemã, fundadora da ONG Mandacaru, que as incentivou a criar o grupo, na década de 1990, apoiando-as até hoje. A Associação, no entanto, data do início dos anos 2000, quando as tecelãs foram envolvidas num projeto implementado pelo Programa Artesanato Solidário, que possibilitou outras conquistas no sentido da divulgação e da ampliação de mercado para a tecelagem de Pedro II.
6. A reforma do galpão foi uma das ações do Projeto Cerâmica Comunidade Formiga, realizado pelo Programa Artesanato Solidário em parceria com o Prodart, o Sebrae e outras entidades. Nesse espaço foi construído, em dezembro de 2005, por iniciativa dos próprios artesãos, um forno de cerca de dois metros de diâmetro para atender a encomendas de maior porte. Todavia, atualmente o galpão quase não é utilizado pelos artesãos.

CONTATOS

SALA DO ARTISTA POPULAR | CNFCP

Rua do Catete, 179 (metrô Catete)
Rio de Janeiro - RJ cep 22220-000
tel (21) 2285.0441 | 2285.0891
fax (21) 2205.0090

mercado.folclore@iphan.gov.br | www.cnfcp.gov.br

PRODART

Rua Paissandu, 1276 Centro
Teresina - PI cep 64001-120
tel (86) 3222.5772 | 3221.9390
prodartpi@yahoo.com.br

ASSOCIAÇÃO ARTESANAL XIQUE-XIQUE DE PEDRO II

Rua Projetada, 35 Santa Fé
Pedro II - PI cep 64255-000
tel/fax (86) 3271.2720

parceria regional

Programa de Desenvolvimento
do Artesanato do Piauí
SUPERINTENDÊNCIA
DO IPHAN NO PIAUÍ

parceria institucional
e apoio financeiro



realização



CENTRO
NACIONAL
DE CULTURA
POPULAR

IPHAN
Dep. de Patrimônio Imaterial

Cultura
Promoart

Ministério
da Cultura
BRASIL
GOVERNO FEDERAL





RIO DE JANEIRO | 20 AGOSTO A 27 SETEMBRO | 2009
MINISTÉRIO DA CULTURA | IPHAN | CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE
E CULTURA POPULAR | MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO